



APROVO

DIRETOR DE ENSINO_____
COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO_____
PRESIDENTE**INSTRUÇÕES AOS CANDIDATOS**

01. Duração da prova: 02 (duas) horas.
02. O candidato tem 10 (dez) minutos iniciais para tirar dúvidas, somente quanto à impressão.
03. Esta prova é constituída de 01 (um) Caderno de Questões e 01 (um) Cartão de Respostas.
04. No Cartão de Respostas, CONFIRA seu nome, número de inscrição e a série; em seguida, assine-o.
05. Esta prova contém 20 (vinte) itens, distribuídos em 14 (**quatorze**) folhas, incluindo a capa.
06. Marque cada resposta com atenção. Para o correto preenchimento do Cartão de Respostas, observe o exemplo abaixo.

00. Qual o nome da capital do Brasil?

- (A) Porto Alegre
- (B) Fortaleza
- (C) Cuiabá
- (D) Brasília
- (E) Manaus

Como você sabe, a opção correta é **D**. Marca-se a resposta da seguinte maneira:

00



07. As marcações deverão ser feitas, obrigatoriamente, com caneta esferográfica **azul** ou **preta**.
08. **Não serão consideradas marcações rasuradas.** Faça-as como no modelo acima, preenchendo todo o interior do círculo-opção sem ultrapassar os seus limites.
09. O candidato só poderá deixar o local de prova após o decurso de 80 (oitenta) minutos, o que será avisado pelo Fiscal.
10. Após o aviso acima e o término do preenchimento do Cartão de Respostas, entregue-o ao Fiscal e retire-se da sala.
11. **O candidato poderá levar o Caderno de Questões.**
12. Aguarde a ordem para iniciar a prova.

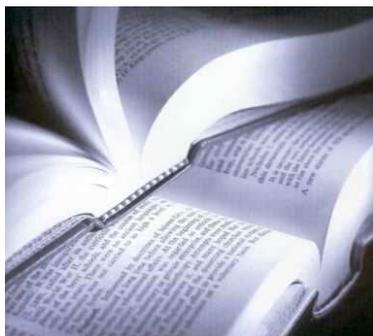
Boa prova!

Os Livros

*Apetece chamar-lhes irmãos,
tê-los ao colo,
afagá-los com as mãos,
abri-los de par em par,
ver o Pinóquio a rir
e o D. Quixote a sonhar,
e a Alice do outro lado
do espelho a inventar
um mundo de assombros
que dá gosto visitar.
Apetece chamar-lhes irmãos
e deixar brilhar os olhos
nas páginas das suas mãos.*

José Jorge Letria, *Pela casa fora*, 1997





*Sempre imaginei que o paraíso seria
uma espécie de biblioteca.
Jorge Luis Borges*

TEXTO I

Brasileiro não gosta de ler?

5 Não é a primeira vez que falo nesse assunto, o da quantidade assustadora de analfabetos deste nosso Brasil. Não sei bem a cifra oficial, e não acredito muito em cifras oficiais. Primeiro, precisa ser esclarecida a questão do que é analfabetismo. E, para mim, alfabetizado não é quem assina o nome, talvez embaixo de um documento, mas quem assina um documento que conseguiu ler e... entender. A imensa maioria dos ditos
10 meramente alfabetizados não está nessa lista, portanto são analfabetos – um dado melancólico para qualquer país civilizado. Nem sempre um povo leitor interessa a um governo (falo de algum país ficcional), pois quem lê é informado, e vai votar com relativa
15 lucidez. Ler e escrever faz parte de ser gente.

20 Sempre fui de muito ler, não por virtude, mas porque em nossa casa livro era um objeto cotidiano, como o pão e o leite. Lembro de minhas avós de livro na mão quando não estavam lidando na casa. Minha cama de menina e mocinha era embutida em
25 prateleiras. Criança insone, meu conforto nas noites intermináveis era acender o abajur, estender a mão, e ali estavam os meus amigos. Algumas vezes acordei minha mãe esquecendo a hora e dando risadas com a boneca Emília, de Monteiro Lobato, meu
30 ídolo em criança: fazia mil artes e todo mundo achava graça.

E a escola não conseguiu estragar esse meu amor pelas histórias e pelas
35 palavras. Digo isso com um pouco de ironia, mas sem nenhuma depreciação ao excelente colégio onde estudei, quando criança e adolescente, que muito me preparou para o mundo maior que eu conheceria saindo de minha cidadezinha aos 18 anos. Falo da impropriedade, que talvez exista até hoje (e que não era culpa das escolas, mas dos
40 programas educacionais), de fazer adolescentes ler os clássicos brasileiros, os românticos, seja o que for, quando eles ainda nem têm o prazer da leitura. Qualquer menino ou menina se assusta ao ler Macedo, Alencar e outros: vai achar enfadonho, não
45 vai entender, não vai se entusiasmar. Para mim esses programas cometem um pecado básico e fatal, afastando da leitura estudantes ainda imaturos.

50 Como ler é um hábito raro entre nós, e a meninada chega ao colégio achando livro uma coisa quase esquisita, e leitura uma chatice, talvez ela precise ser seduzida: percebendo que ler pode ser divertido, interessante, pode entusiasmar, distrair, dar
55 prazer. Eu sugiro crônicas, pois temos grandes cronistas no Brasil, a começar por Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, além dos vivos como Verissimo e outros tantos. Além disso, cada um deve descobrir o que gosta de ler, e vai gostar, talvez, pela vida
60 afora. Não é preciso que todos amem os clássicos nem apreciem romance ou poesia. Há

35	quem goste de ler sobre esportes, explorações, viagens, astronáutica ou astronomia, história, artes, computação, seja o que for.
40	O que é preciso é ler. Revista serve, jornal é ótimo, qualquer coisa que nos faça exercitar esse órgão tão esquecido: o cérebro. Lendo a gente aprende até sem sentir, cresce, fica mais poderoso e mais forte como indivíduo, mais integrado no mundo, mais curioso, mais ligado. Mas para isso é preciso, primeiro, alfabetizar-se, e não só lá pelo ensino médio, como ainda ocorre. Os primeiros anos são fundamentais não apenas por serem os primeiros, mas por construírem a base do que seremos, faremos e aprenderemos depois. Ali nasce a atitude em relação ao nosso lugar no mundo, escolhas pessoais e profissionais, pela vida afora. Por isso, esses primeiros anos, em que se aprende a ler e a escrever, deviam ser estimulantes, firmes, fortes e eficientes (não perversamente severos). Já se faz um grande trabalho de leitura em muitas escolas. Mas, naquelas em que com 9 ou 10 anos o aluno ainda não usa com naturalidade a língua materna, pouco se pode esperar. E não há como se queixar depois, com a eterna reclamação de que brasileiro não gosta de ler: essa porta nem lhe foi aberta.
45	

Lya Luft

<http://veja.abril.com.br/120809/brasileiro-nao-gosta-de-ler-p-022.shtml>

1) Acerca da compreensão, da interpretação e do tipo de texto, é possível afirmar:

I – O domínio da língua materna verifica-se entre 9 e 10 anos.

II – A cronista chega à conclusão de que brasileiro não gosta mesmo de ler.

III – A cronista censura os programas educacionais por não seduzirem os jovens para a leitura.

IV – É uma crônica argumentativa por defender um ponto de vista e apresentar argumentos em defesa dele.

(A) I.

(B) I e III.

(C) II e IV.

(D) III e IV.

(E) I, II e IV.

2) Observe as afirmativas relacionadas ao título da crônica de Lya Luft:

I – É possível conduzir a argumentação a partir de uma pergunta.

II – Revela a neutralidade da autora quanto à problemática do analfabetismo no Brasil.

III – A interrogação aponta para o fato de a cronista reconhecer o que constitui impedimento para que o brasileiro seja um povo leitor.

Está correto o que se afirma em

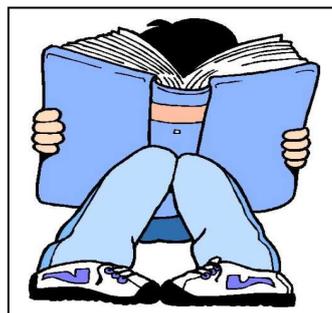
(A) I.

(B) II.

(C) I e II.

(D) I e III.

(E) I, II e III.



3) “E, para mim, alfabetizado não é quem assina o nome, talvez embaixo de um documento, mas quem assina um documento que conseguiu ler e... entender.” (Linhas 3 a 5)

Na passagem acima, o emprego das reticências

- (A) cria expectativa em relação ao que vai ser informado.
- (B) desfaz a oposição que se instala entre ler e entender.
- (C) interrompe a sequência para desviar a atenção do leitor.
- (D) confere à ação de entender papel secundário no ato da leitura.
- (E) contraria a ideia de que é preciso entender o texto que se assina.

4) Para estabelecer relações de coesão, todo texto apresenta uma série de mecanismos pelos quais se realiza a referência a termos já citados ou que ainda serão mencionados. O vocábulo sublinhado que representa este último tipo de recurso coesivo é:

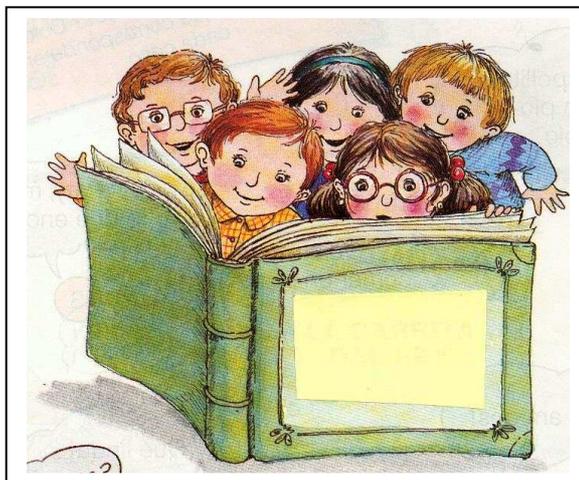
- (A) “Não é a primeira vez que falo nesse assunto, o da quantidade assustadora de analfabetos deste nosso Brasil.” (Linhas 1 e 2)
- (B) “A imensa maioria dos ditos meramente alfabetizados não está nessa lista...” (Linhas 5 e 6)
- (C) “... e leitura uma chatice, talvez ela precise ser seduzida: percebendo que ler pode ser divertido, interessante, pode entusiasmar...” (Linhas 28 e 29)
- (D) “Mas para isso é preciso, primeiro, alfabetizar-se, e não só lá pelo ensino médio...” (Linhas 39 e 40)
- (E) “Ali nasce a atitude em relação ao nosso lugar no mundo,...” (Linha 42)

5) Leia as frases a seguir, para responder à questão proposta:

- I - “... que falo nesse assunto, o da quantidade assustadora de analfabetos...” (Linhas 1 e 2)
- II - “... – um dado melancólico para qualquer país civilizado.” (Linhas 6 e 7)
- III - “... meu conforto nas noites intermináveis era acender o abajur...” (Linha 13)
- IV - “... de fazer adolescentes ler os clássicos brasileiros, os românticos...” (Linhas 22 e 23)

Embora a função do adjetivo seja caracterizar os seres ou objetos nomeados pelos substantivos, há casos em que, por intermédio do adjetivo, expressa-se uma opinião particular acerca de tais seres. Nas frases acima, ocorre a segunda situação em

- (A) III
- (B) I e II
- (C) III e IV
- (D) I, II e IV
- (E) I, II e III



6) Em um momento da crônica, Lya Luft confessa que “fala” com ironia: **“E a escola não conseguiu estragar esse meu amor pelas histórias e pelas palavras. Digo isso com um pouco de ironia,”**.(Linhas 17 e 18). No entanto, há um trecho no qual, mesmo sem indicação da autora, constata-se um tom irônico. A opção em que isso aparece é:

(A) “A imensa maioria dos ditos meramente alfabetizados não está nessa lista, portanto são analfabetos — um dado melancólico para qualquer país civilizado. Nem sempre um povo leitor interessa a um governo (falo de algum país ficcional), pois quem lê é informado, e vai votar com relativa lucidez.” (Linhas 5 a 9)

(B) “Falo da impropriedade, que talvez exista até hoje (e que não era culpa das escolas, mas dos programas educacionais), de fazer adolescentes ler os clássicos brasileiros, os românticos, seja o que for, quando eles ainda nem têm o prazer da leitura.” (Linhas 20 a 23)

(C) “Para mim esses programas cometem um pecado básico e fatal, afastando da leitura estudantes ainda imaturos.” (Linhas 25 e 26)

(D) “Como ler é um hábito raro entre nós, e a meninada chega ao colégio achando livro uma coisa quase esquisita, e leitura uma chatice, talvez ela precise ser seduzida: percebendo que ler pode ser divertido, interessante, pode entusiasmar, distrair, dar prazer.” (Linhas 27 a 30)

(E) “Já se faz um grande trabalho de leitura em muitas escolas. Mas, naquelas em que com 9 ou 10 anos o aluno ainda não usa com naturalidade a língua materna, pouco se pode esperar. E não há como se queixar depois, com a eterna reclamação de que brasileiro não gosta de ler: essa porta nem lhe foi aberta.” (Linhas 45 a 48)

7) **“A imensa maioria dos ditos meramente alfabetizados não está nessa lista, portanto são analfabetos – um dado melancólico para qualquer país civilizado.”** (Linhas 5 a 7)

Observe o que se pode inferir do fragmento acima:

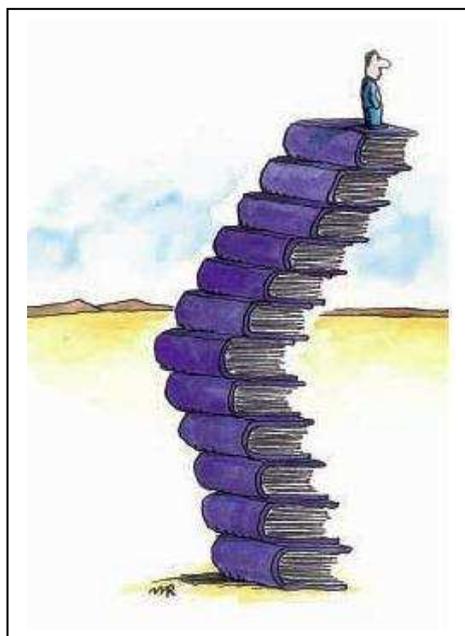
I – A autora cai em contradição ao afirmar que pessoas alfabetizadas são analfabetas.

II – A cronista considera relevantes os dados oficiais das pesquisas sobre alfabetização.

III – Lya Luft exclui do grupo dos plenamente alfabetizados os que não entendem o que leem.

Está correto apenas o que se afirma em

- (A) I.
- (B) II.
- (C) III.
- (D) I e II.
- (E) II e III.



8) **“Criança insone, meu conforto nas noites intermináveis era acender o abajur, estender a mão...”** (Linhas 13 e 14)

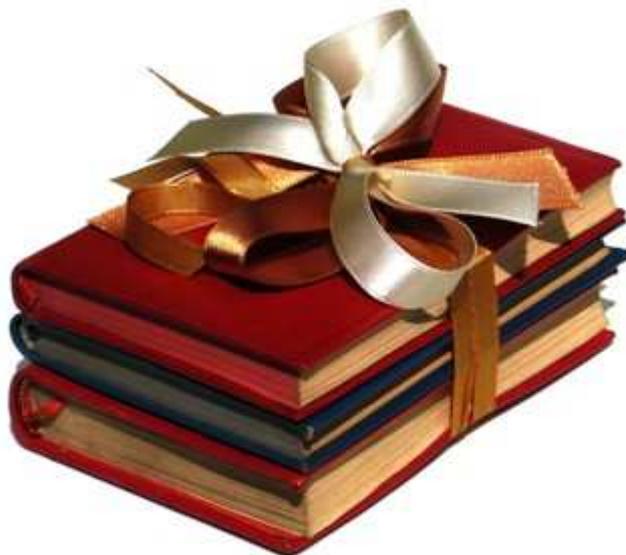
Reescrevendo-se o fragmento acima, com a inserção de um conectivo que mantenha a mesma relação semântica estabelecida no período destacado, tem-se:

- (A) Sendo criança insone, meu conforto nas noites intermináveis era acender o abajur, estender a mão...
- (B) Como era criança insone, meu conforto nas noites intermináveis era acender o abajur, estender a mão...
- (C) Embora fosse criança insone, meu conforto nas noites intermináveis era acender o abajur, estender a mão...
- (D) Se bem que fosse criança insone, meu conforto nas noites intermináveis era acender o abajur, estender a mão...
- (E) À medida que me tornava criança insone, meu conforto nas noites intermináveis era acender o abajur, estender a mão...

9) **“Para mim, esses programas cometem um pecado básico e fatal, afastando da leitura estudantes ainda imaturos.”** (Linhas 25 e 26)

Apenas em uma das reescrituras que seguem alterou-se o sentido do fragmento acima. Assinale-a.

- (A) Afastar da leitura estudantes ainda imaturos é um pecado básico e fatal cometido por tais programas.
- (B) Suponho que os estudantes ainda imaturos cometem um pecado básico e fatal, quando se afastam da leitura.
- (C) Para mim, os programas educacionais brasileiros são os responsáveis por afastar da leitura alunos ainda imaturos.
- (D) Considero que referidos programas cometem um pecado básico e fatal que termina por afastar estudantes imaturos da leitura.
- (E) Estou certa de que tais programas cometem um pecado básico e fatal que resulta em distanciar jovens imaturos da leitura.



10) A partir do critério de verdade, marque falso ou verdadeiro para as asserções abaixo.

() Em “Não é preciso **que todos amemos clássicos**” (Linhas 32 e 33) e em “[...]mas sem nenhuma depreciação ao excelente colégio **onde estudei** [...]” (Linhas 18 e 19), as orações sublinhadas têm a mesma função sintática.

() Em “[...] portanto são **analfabetas**” (Linha 6) e “criança **insone**” (Linha 13), as palavras destacadas possuem elemento morfológico indicador de negação.

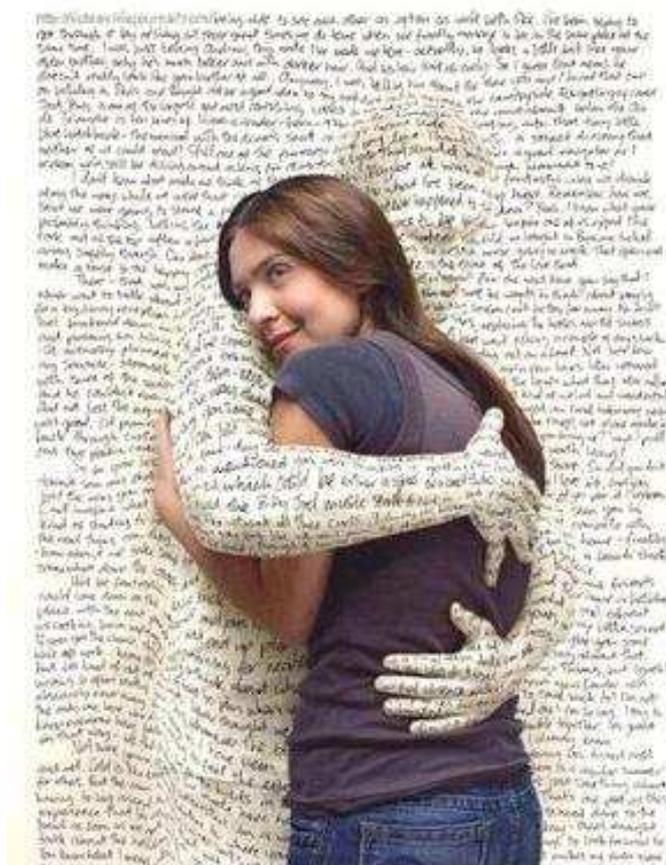
() As orações “**Primeiro precisa ser esclarecida a questão** [...]” (Linha 3) e “**Já se faz um grande trabalho de leitura** [...]” (Linha 45) apresentam estrutura de voz passiva.

() “**Ler e escrever** faz parte de ser gente” (Linha 9). Levando-se em conta o contexto, o sujeito composto destacado, por expressar ideias claramente distintas, justificaria a flexão do verbo **fazer** no plural.

() “**Lembro** de minhas avós de livro na mão” (Linha 11). Em relação à regência do verbo **lembrar** é possível reescrever a frase da seguinte forma: **Lembro-me** de minhas avós de livro na mão.

A sequência que completa corretamente os parênteses é

- (A) V – V – F – V – F
 (B) V – V – F – F – V
 (C) F – V – F – F – F
 (D) F – V – V – F – F
 (E) F – V – V – F – V



A poesia reconhece em versos a importância do livro no desenvolvimento dos povos.

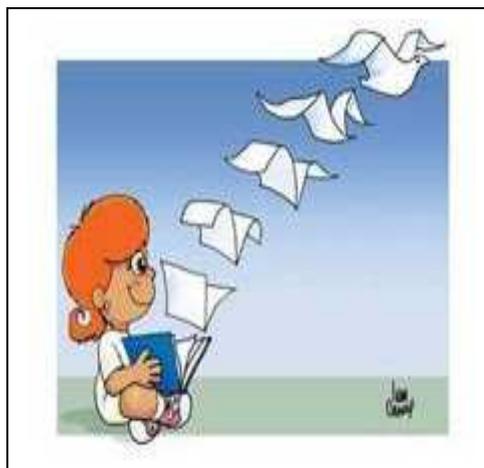
TEXTO II

O livro e a América
Castro Alves

1 Filhos do sec'lo das luzes!
Filhos da Grande Nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
5 livro — esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo¹...
Eólo² de pensamentos,
Que abra a gruta dos ventos
10 Donde a igualdade voou!...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O sec'lo, que viu Colombo,
Viu Guttenberg³ também.
15 Quando no tosco estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
20 E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto
As almas buscam beber...
25 Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
30 É chuva — que faz o mar.



¹ Waterloo , município da Bélgica, localizado no distrito de Nivelles. Foi de Waterloo que partiram tropas inglesas, belgas e neerlandesas para a batalha que decretaria o fim da era napoleônica na Europa em 1815.

² (eólo) sm.1 Fig. Vento forte

³ Guttenberg. O século XV registra na Europa uma importante etapa da história do livro. Guttenberg desenvolveu um sistema de tipos de metal e uma forma mecanizada de imprimir livros

11) Levando-se em conta o contexto, a opção que contém a afirmação correta a respeito da palavra sublinhada em cada um dos versos transcritos é:

- (A) “Por uma fatalidade” (Verso 11) – a palavra *fatalidade* tem conotação negativa, por fazer referência a um momento desastroso, fatal.
- (B) “A ave da imprensa gerou...” (Verso 17) – a palavra *ave* foi usada para atribuir à imprensa a capacidade de voar.
- (C) “Busca um ninho entre os palmares” (Verso 19) – a palavra em destaque denota um lugar acolhedor para as aves.
- (D) “Por isso na impaciência” (Verso 21) – a palavra *impaciência* ganha outra significação: foi empregada no sentido de impertinência.
- (E) “O livro caindo n’ alma” (Verso 28) – emprega-se o verbo não apenas no sentido de emocionar, mas também no de ser capaz de promover transformações.

12) **A difusão do livro, a partir da invenção da imprensa por Guttenberg, deu início à democratização do acesso ao conhecimento.**

A opção em que o poeta traduz em versos essa afirmativa é:

- (A) “Filhos do séc'lo das luzes! / Filhos da Grande Nação!” (Versos 1 e 2)
- (B) “Quando ante Deus vos mostrardes, / Tereis um livro na mão:”. (Versos 3 e 4)
- (C) “livro — esse audaz guerreiro / Que conquista o mundo inteiro” (Versos 5 e 6)
- (D) O Genovês salta os mares... / Busca um ninho entre os palmares (Versos 18 e 19)
- (E) “Como as aves do deserto / As almas buscam beber...” (Versos 23 e 24)

13) **“Que abra a gruta dos ventos / Donde a igualdade voou!...”** (Versos 9 e 10)

Nestes versos, o poeta

- (A) afirma a importância do livro para a formação de uma sociedade igualitária.
- (B) mostra a importância de nos apresentarmos diante de Deus portando a Bíblia.
- (C) informa que, após o vôo da igualdade, as diferenças individuais são mais valorizadas.
- (D) apresenta o livro como uma metáfora do espírito guerreiro que deve conquistar o mundo.
- (E) faz referência à igualdade entre as pessoas alfabetizadas, que têm liberdade de ir e vir.

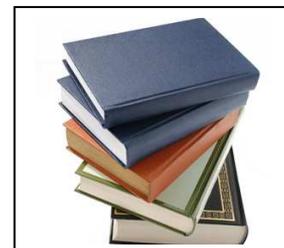
14) A opção em que **NÃO** há correspondência entre a figura de linguagem e sua identificação é:

- (A) “O séc'lo que viu Guttenberg” (Verso 14) – Personificação
- (B) “Busca um ninho entre os palmares” (Verso 20) – Metonímia
- (C) “E a pátria da imprensa achou” (Verso 21) – Hipérbole
- (D) “Como as aves do deserto /As almas buscam beber” (Versos 24 e 25) – Comparação
- (E) “É germe – que faz a palma / É chuva – que faz o mar” (Versos 30 e 31) – Metáfora

15) **“Oh! Bendito o que semeia / Livros... livros à mão cheia”** (Versos 25 e 26)

O motivo pelo qual ocorre crase no fragmento acima é o mesmo que se verifica em:

- (A) Colombo dirigiu-se à América.
- (B) A ventura à qual se refere é a possibilidade ler.
- (C) Compete às autoridades resolver mais este caso.
- (D) Enquanto não se aprende a ler, fica-se às escuras.
- (E) Referem-se às oportunidades criadas a partir da invenção da imprensa.



16) “**Bendito o que semeia / livros [...] / E manda o povo pensar!**” (Versos 25 a 27)

Um fragmento do texto de Lya Luft confirma a ideia expressa por estes versos. Assinale-o.

(A) “E, para mim, alfabetizado [...] é [...] quem assina um documento que conseguiu ler e... entender.” (Linhas 3 a 5)

(B) “Nem sempre um povo leitor interessa a um governo” (Linhas 7 e 8)

(C) “Lembro de minhas avós de livro na mão quando não estavam lidando na casa.” (Linhas 11 e 12)

(D) “E a escola não conseguiu estragar esse meu amor pelas histórias e pelas palavras.” (Linhas 17 e 18)

(E) “Como ler é um hábito raro entre nós [...]” (Linha 25)

Texto III



Lygia Bojunga Nunes

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e, de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

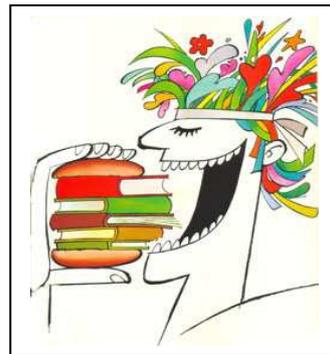
Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cisme um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.

<<http://www.casalygiabojunga.com.br/frames/livroatroca.htm>>

17) A experiência de troca vivida pela autora amplia sua visão de mundo. Isso se confirma no ato de ela

- (A) trocar livros por tijolos e comida.
- (B) trocar comida e tijolos por livros.
- (C) decifrar palavras e alimentar-se de livros.
- (D) passar a oferecer o mesmo que recebeu.
- (E) escolher um livro e com ele viajar e construir novas casas.



18) Reescreve-se o trecho “**Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.**”, especificando a relação semântica entre as orações e respeitando a modalidade padrão da língua portuguesa, em todas as opções, **EXCETO** em:

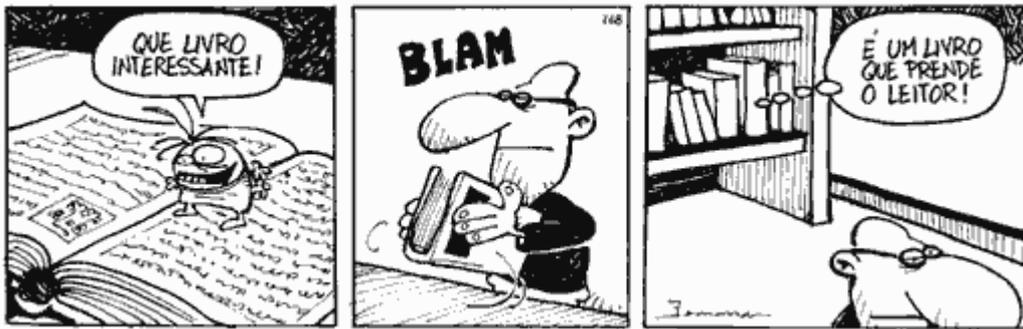
- (A) Para mim, livro é vida, porque, desde muito pequena, os livros me deram casa e comida.
- (B) Para mim, livro é vida, pois, desde que eu era muito pequena, os livros me deram casa e comida.
- (C) Para mim, livro é vida, embora eu fosse muito pequena, os livros me deram casa e comida.
- (D) Para mim, livro é vida, uma vez que, desde muito pequena, os livros me deram casa e comida.
- (E) Para mim, livro é vida, haja vista que, desde que eu era muito pequena, os livros me deram casa e comida.

Texto IV



19) Comparando o texto III ao texto IV, pode-se afirmar que,

- (A) para construir casas, sejam elas concretas ou imaginárias, precisa-se apenas de livros.
- (B) para construir casas, sejam elas concretas ou imaginárias, precisa-se apenas de memórias.
- (C) para tornar o texto mais expressivo, Lygia Bojunga faz uso apenas de linguagem figurada.
- (D) para envolver o leitor, ambos utilizam linguagem poética para se referir aos livros e ao seu papel em nossas vidas.
- (E) em ambos os textos, os livros são importantes no processo de construção tanto no nível conotativo quanto no denotativo.

Texto V

20) Deduz-se da tira que

- (A) há ironia, pois livros interessantes não prendem o leitor.
- (B) ocorre linguagem conotativa, já que a traça fica presa literalmente.
- (C) há ambigüidade em “Que livro interessante” e “É um livro que prende o leitor!”.
- (D) “Blam” é uma interjeição que reproduz o barulho do fechamento do livro.
- (E) ao fechar o livro, há intenção clara de prender a traça..



REDAÇÃO

Nesta prova, tentamos mostrar o quanto os livros foram e são importantes na vida de muita gente. No entanto, com o avanço da Internet, muitos questionam se o livro terá fôlego para se manter vivo nessa disputa tão atual.

Texto 1

Cheiro de e-book

Como se empresta um livro virtual? Se um dono de um leitor digital morrer, quem herda sua biblioteca? O que acontece com as editoras regionais se uma grande editora estrangeira traduzir obras para outras línguas e as vender pela internet? Como fica o direito autoral na rede? Caso um e-book seja roubado ou se quebre, o acervo estará perdido? As livrarias físicas vão fechar como vêm ocorrendo com as lojas de CD? Haverá vários padrões de livros digitais ou apenas um formato vai prevalecer? O livro em papel vai acabar?

São muitas as perguntas e poucas as respostas trazidas pelos avanços dos e-books. Mas há a certeza de que a forma como se produz, comercializa e lê livros está mudando.

O Globo, 29/10/2009. Segundo Caderno, página 1.

Texto 2



Diante da leitura dos textos acima e dos que figuraram nesta prova, o que você pensa a respeito da oposição **Internet X livros**? A internet substitui o prazer da leitura? Os livros, como temos hoje, acabarão e serão substituídos pela leitura na tela do computador? Ou será bem pior e ficaremos viciados em *sites*, *blogs* e afins?

Escreva um texto dissertativo-argumentativo de, no mínimo 20 e no máximo 25 linhas, em que você se posicione sobre este tema. Exponha o seu ponto de vista de maneira coesa e coerente, na modalidade escrita padrão da língua portuguesa. Não se esqueça de dar um título.

